

O RADICAL

SEMANARIO EXTRA-PARTIDARIO

N. 26

ANO I

Quinta-feira, 4 de Maio de 1911

REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO — Campo da Liberdade n.º 20

BARCELOS

Comp. e imp. — Tip. Universal — R. das Oliveiras, 75 | Porto

EDITOR

Antero Correia dos Santos

PROPRIETARIO e DIRETOR

Antonio Balbazar

ADMINISTRADOR

Luiz Fonseca

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA

O primeiro de maio

A festa da Paz, da Humanidade e do Trabalho
A sua significação

Ao Trabalho lançou esse amontoado de histórias buriêscas—*bíblia sagrada*—no III capítulo do *Genesis*, o tabéu aviltante de condenação; pelo deus do cristianismo inflingido á Humanidade para castigo da primeira falta do homem; da mesma forma que a da mulher era punida com as dores do parto e a submissão de escrava ao marido e a da serpente com a sua conformação anatómica, que a força a andar de rastos sob o peito e a só de terra se alimentar.

Mas decorrem alguns séculos, e a civilização—fazendo nascêr e indo desenvolvendo no homem novas necessidades, nem sempre materiais,—força-o a reconhecer que ao seu esforço próprio, livre ou coato, individual ou colêtivo, muito tem a esijir para elas poderem sêr satisfeitas.

E' a necessidade do Trabalho que surge, ou antes—aumênta.

Assim vêmos começar a saír dos braços do homem as casas, as estradas, navios—numa já adeantada étapa da interminável senda do progresso—e, á medida que nesta vai caminhando, as linhas ferreas, os grandes paquêtes, as enormes cidades.

Ao mesmo tempo, a educação progressiva dos povos começava a divorciá-los dos preconceitos religiosos e aperfeiçoava no homem os seus sentimentos natos; e conseqüentemente, em escala gradual e a passo lento, êle ia adquirindo a noção dos seus devêres, o entendimento da sua obrigação de ir preparando, para legar ás jerações futuras, um mundo mais perfeito, sob o ponto de vista social.

Lójica resultante dêsse natural fenómeno é o amor pelo trabalho, que nas suas complexas e variadas manifestações artística, científica, literária, etc., se começou a verificar na espécie. Dêsse novo sentimento no homem nos vem brotando de século para século as grandes invenções que a sua apurada imaginação buscava; as admiráveis obras de arte que um nôvo culto—pelo Belo e pelo Bom—o fasia produzir; e até os esforçados empreendimentos, como as conquistas e descobertas, para que eram impelidos por já mais desenvolvidas faculdades de atividade, postas ao serviço de um irrequieto espirito aventureiro.

E' então que o homem começa a encontrar atrátivos no trabalho e até a dedicar-se-lhe com prásêr.

Limpo êle do ferrête ignominiôso com que a cretinice estulta dos fantasistas autôres da bíblia o estigmatizara, aparece-nos transformado numa virtude inerente a todo o homem moralmente bem formado.

Trabalhava-se já, sem a mira no interesse material que do prôduto desse trabalho haveria de resultar. Não era só o instinto de conservação a predominar no homem.

Mais do que isso—era a precizão de satisfasêr necessidades espirituais, até ao tempo ignoradas por ocultas.

Evoluções sociais que se foram operando determinaram uma outra metamorfose na fôrma por que o homem encarava o Trabalho: e na época atual, o que outrôra foi uma ignominia e depois uma virtude é, sob todos os pontos de vista, apenas um devêr, e, simultanea e correlativamente—um direito.

Devêr—para todos aquêles a quem as suas condições físicas não isentam de contribuir para o bem da Humanidade com o seu esforço material ou espiritual; e direito, em absoluto incoartável, de

tudo o indivíduo, incondicionalmente; para assim se lhe assegurar os meios de não sentir faltas de qualquer ordem, de harmonia com as suas esijencias, variáveis com as suas cultura, capacidade intelectual, etc.

Mas a organização do mundo não é perfeita ainda, como perfeita não é também a conformação moral do homem.

Defeitos de uma e outra corrompêram logo de principio o cumprimento do devêr de trabalhar e coartaram o livre e amplo esercício do direito análogo, colocando o Trabalho sob a pressão dos indivíduos a quem era conferido, por preconceituos e absurdos principios, maior poderio, e que o submetiam á exploração do capitalismo.

Desta injusta desigualdade, do embate dos interesses feridos dos mais humildes com as ambições incontidas dos poderosos, resultaram—depois de alguns séculos de fome, de miseria e de dôr sofidas pelos trabalhadores—as primeiras lútas, as primeiras guerras destes aquêles que os exploravam.

E' no seculo XIX, que Gladstone chamou *dos operarios*, que mais se acentúa essa reação dos oprimidos e que se verificam os primeiros movimentos que a História julgou com o valôr bastante para lhes dar entrada.

Foi quando as classes trabalhadoras começaram a comprehendêr melhor, mercê das primeiras luzes de educação social, que tinham o direito de não verem morrer de fome os filhos; de têrem em cada dia dois periodos de tempo destinados ao estudo e ao descanso, cada um dêles igual ao que consagrassem ao trabalho (os três oitos); de compartilharem dos benefícios que na vida possam encontrar; de terem assegurado o pão, quando o não pudessem por qualquer motivo auferir com o seu esforço; de desenvolverem completamente as suas faculdades intelectuais.

O descontentamento com a sua miserável situação, o protesto contra as opressões que sobre êles pesavam manifeste-se seguidamente, aqui e além, por todo o mundo, em grêves que de dia para dia iam aumentando de intensidade e importância.

São os primeiros gritos de muitas consciencias calcadas.

E' da America do Norte, já com um partido operario admiravelmente organizado, que se ouvem partir os primeiros sons do clarim, proclamando a guerra aos exploradôres do proletariado, e que sam lançados pela *Cavalheiros do trabalho*, poderosissima associação operaria americana, com centenas de milhares de socios: para o dia 1 de maio de 1886 foi votada a grêve jeral em todos os Estados da America.

A resistencia do capital não se fêz demorar; e tal ela foi que deu orijem a inumeras carnificinas, em algumas das cidades onde importantes grêves rebentaram naquêle dia, e acabaram por levar até á condenação á morte muitos inocentes.

O grito de Karl Marx—*Proletarios de todos os países, uni-vos!*—foi então ouvido: desempoados do preconceito de patriotismo, o operariado de todo o universo agregava-se numa inteira afinidade de insofridas aspirações, e resolve no Congresso internacional operario, realizado em 89 na capital da republica franceza, consagrar o 1.º de maio á celebração da festa internacional do trabalho e á comemoração, em homenagem de saudade, do sacrificio dos mártires da ideia.

Foi, pois, em 1890 que pela primeira vês a festa do 1.º de maio revestiu o caráter internacionalista, e a imponencia com que ela se levou a cabo foi bem de molde a algo fasêr receiar á burguesia.

Por todo o mundo se fêz ouvir o clamôr do proletariado, reclamando o que era devido aos trabalhadores de todo o universo, sem distincção de nacionalidades. Praticava-se a doutrina de Jules Delafosse: Preferir a Humanidade á Patria é ter uma compreensão mais filosófica e mais completa da solidafiedade.

E desde essa data até hoje, ano algum tem decorrido em que deixem os operarios de, perante o capitalista, formularem as suas reivindicações, num plano gradual.

Dêsses movimentos alguns efeitos benéficos se hão já sentido, essencialmente na Belgica, França, Italia, Dinamarca, Inglaterra, etc., onde no parlamento os socialistas estão representados por deputados seus.

Por sua vês, os homens de estado confessam a impossibilidade de sufocar o movimento operario: Ranc, presidente da esquerda democratica do senado francês em 1891, disse da sua cadeira que sobe sempre a onda das reivindicações do trabalho e que loucura seria pensar em detê-la.

E Milerand, num comicio politico tinha estas palavras:

«E' preciso não ter receio do movimento popular; é preciso ir para êle; é preciso falar-lhe a linguagem da franqueza e da Fraternidade.

«Os que criam a riqueza não podem continuar a estar expostos a morrer de fome e do frio no meio das grandes cidades, que sam obras dêles!

«E' tempo da criança pobre encontrar no berço, como a rica, outra cousa que não seja a miseria e o sofrimento! E' tempo do trabalho ter seguros, como o burguês, o pão e a morada de amanhã!

«E' tempo do velho pobre, como o velho rico, ter da sociedade a garantia do seu repouso e da sua traquillidade bem ganha!

E' preciso, numa palavra, que a igualdade social succêja á igualdade politica».

Assim vêmos que as reivindicações das classes trabalhadoras encontravam um êco de justo apoio nos proprios protêtos das classes exploradôras.

Os socialistas começavam a impôr-se em quase todos os países onde os seus dirijentes tinham uma boa concêção dos direitos do homem.

Nalguns, como a França ainda no corrente ano, em virtude das conseqüencias funestas que a comemoração do 1.º de maio teem já orijinado, a realização manifestações públicas foi proibida.

Mas nem por isso os operarios deixaram de formular as reclamações que entendem dever dirigir ao estado.

E, pouco a pouco muito embora, elas vam sendo atendidas e continuarão a sê-lo, até á remodelação completa da sociedade: um universo sem fronteiras, onde a todo o homem seja dado usufruir o prôduto do seu trabalho e esercêr êste livremente e sem subordinação a qualquer rejíme de inconcebíveis privilegios.

Em Portugal, muito ténues sam por enquanto as forças dos socialistas: mais sentimentais e sonhadôres do que práticos, acorrem em massa no 1.º de maio a prestar homenagem de saudade aos seus camaradas mortos e a votar moções com reclamações mui prematuras por demasiado idealistas para a época, mas no dia em que sejam chamados ao sufrájo eleitoral, se não abandonam a urna—votam em homens estranhos ao movimento operario, pois não contam para si mais que umas dusias de votos.

E' certo que até ha pouco tempo, uma tarefa preparadôra lhes incumbia: a destruição da oligarquia brigantina.

Hoje, porem, que acalentados por um mais acariciador sol de Liberdade, Fraternidade e Igualdade, comprem-lhes organizarem-se de forma a poderem resistir ao combate das correntes conservadoras e reacionárias que ainda na republica ha-de havêr; e assim contribuir com a sua porfiada lúta para este grandioso objéctivo, que alguns pensadôres já previram:

A Paz Universal—como resultante da paz interna em todos os povos, produzida e assegurada pelo seu bem estar; e

A Sociedade Universal, não pela absorção dos países mais fracos pelos mais poderosos—mas pela união fraternal de todas as nações.

Illydio Nunes.

Respigando...

ARTIGO DE FUNDO

Contra o costume, vai hoje assinado o artigo de fundo.

E' bom declarar que a rasão única é nêle expôr-se doutrinas que, sendo perflhadas pelo redator do «Radical» que as subscreve, podem não o sêr, contudo, pelo jornal.

Não será muito coêrente, mas não podemos evitá-lo, desde que nos faltou, á ultima hora, um artigo sobre o mêsmo assunto, prometido por amigo nosso, alheio a este semanario.

UM ESCLARECIMENTO

Sobre a carta que do sr. dr. Joaquim Pais recebemos e no numero passado publicamos, nada quisemos disêr sem que aquêle a quem ela se referia, o illustre presidente da camara, a conhecesse para, se assim o desejasse, a comentar.

Pessoalmente, nos manifestou já s. ex.ª a resolução de a deixar sem resposta visto que nela se não contesta a veracidade de tudo quanto, alusivo ao sr. dr. Pais, nos disse o sr. dr. Cardoso de Albuquerque, na entrevista que se dignou conceder-nos.

Entendêmos nós, porem, que ha na missiva em questão uma parte que não podemos poupar a meia dúzia de palavras.

E' aquela em que nos acusa de irreflexão na forma de ridijir a entrevista.

Não houve tal. Chamamos ao sr. dr. Pais intermediário entre a Camara Municipal e a «Electra del Lima» porque êle realmente o foi quer haja sido por obsequio a esta ou aquêla.

Isso não importa. Irrelêtidamente andou o sr. dr. Joaquim Pais escrevendo-nos esta carta, que em tam mau campo coloca s. ex.ª.

Foi um jesto infeliz, o repudiar um papel de intermediário numa negociação que representa um tam grande e importante melhoramento para a nossa terra.

Pelo fâto de s. ex.ª sêr monárquico—que lhe preste!—e republicana a vereação, não se segue que só com prejuizo da sua dignidade politica desempenhe uma missão a que tam alheias sam as convicções.

O âto do sr. dr. Pais briga com todas as suas afirmações de patriotismo, e mesmo com a sua declaração de ter imenso desejo de vêr desaparecer desta vila o velho uso de iluminação a petroleo.

Mas não devemos estranhar o caso em quem tam vaidosamente fás alarde de pertencer a uma fâção que no seu programa não tem outra coisa senão isto: fasêr com que Portugal perca a sua autonomia.

E' jentinha incapaz de compreender, e muito mais de sentir, o que seja o patriotismo.

Se assim não fora, o sr. dr. Pais não tinha senão que honrar-se com o desempenhó do papel de intermediário nesta questão, porque assim mostrava o desinteresse absoluto com que disse algúres têr andado sempre na politica e provava que hoje, como ontem e como amanhã, acima de tudo que não seja a honra punha o interesse da sua terra.

Seria magnânimo e era o bastante não só para têr com direito á consideração mássima dos republicanos, como tambem para poder esijir todo o re-pêlto pelas suas convicções politicas.

E não terminêmos sem lembrar aquêle jesto, que tam calorosos aplausos obtêve de todos os portugueses que amam a sua patria, do dr. Afonso Costa, quando, deputado, oferecia no parlamento aos ministros da monarquia o concurso desinteressado dos republicanos.

Não foi aceite o oferecimento; e não o foi porque aos governantes dêsse tempo não convinha meterem-se com jente honesta.

Mas a sublimidade do âto de Afonso Costa nada sofreu com isso.

Que diferença entre o patriotismo monárquico e o republicano...

ELEIÇÕES

A pouco mais de vinte dias das eleições, ainda se não sabe quem será o cidadão que se vai propôr á representação de Barcelos nas constituintes.

Não podemos levar a bem que nesta altura ainda não tenha sido feita a escolha do candidato nem se haja iniciado uma tenaz propaganda a que ele mesmo deveria presidir, para poder identificar-se com as aspirações do nosso concelho.

Como também não podemos levar á paciência que se hesite na resposta a dar a um pretendente que ha pouco nos surge, apoquentando o partido republicano, e que é absolutamente desconhecido para todos os barcelenses.

Julgar-se-á lá fóra que Barcelos não tem, de entre os indivíduos que no seu seio lutam pela vida, quem dignamente possa representar o concelho e honrar o mandato que se lhe confiar?

Seria triste e deplorável que tal succedesse...

Mas isso sam, afinal, chicanices em que não temos que nos metêr.

Apenas as discutimos, usando de direitos intangíveis, e sem a balofa vaidade de pretendemos impôr de qualquer forma a nossa opinião, como muitos julgam, aquilatando erradamente dos nossos sentimentos pelos seus.

MANUEL SOARES DUARTE

Deste nosso presado amigo recebemos ha tempos um belo artigo sobre o *Crédito agrícola*, que com o mássimo pra-êr iamós publicar.

Porém, por um destes fenómenos que tam frequentemente succedem nos nossos serviços postais, não chegou ao seu destino a carta em que, para o Porto, p'ra sêr entregue na tipografia onde é impresso o «Radical», seguiu, com mais original, o artigo em questão.

Baldados todos os esforços tentados para descobrir o paradeiro da desaparecida carta, aqui vimos publicamente pedir todos os perdões ao nosso estimadíssimo colaborador e amigo, solicitando-lhe ao mesmo tempo o presêr de nova colaboração sua.

Assim o esperamos, e desde já lho agradecemos.

EXCESSO DE ZELO

Os barraqueiros não puderam abrir as suas tendas no domingo, porque os comerciantes locais assim o reclamaram do illustre presidente do município, dizendo serem lesados nos seus interesses se tal medida não fosse tomada.

Isto vai-nos parecendo já um excesso de zelo quase ridiculo.

Todos sabem que o negocio que os barraqueiros poderão fazer aos domingos é em artigos de quinilharias, ramo de que não ha negociante algum na terra.

Ah! perdão... Não nos lembravamos de que podiam vender algum sabonete...

Positivamente—os comerciantes barcelenses sam em curto praso milionários, á força de tanto zelarem os seus interesses.

Por falta de espaço retiramos grande parte desta seção.

Manejando na sombra

Os que provocam a rebelião

Combate-se arditosamente o regíme constituído.

Mas, valha-nos isso, nêsse combate não ha senão platonismo... muita sóma de platonismo.

Quere-se, a toda a força, indispôr o povo do norte com a Republica e para isso vam faser-lhe vibrar a corda mais sensível: os sentimentos relijiosos.

Fazendo-o crêr que a relijião católica é perseguida pelo govêrno, julgam prestar um bom serviço á causa sebastianista.

E como para o fazêrem desassombradamente, sem a capa cobarde do anonimato, lhes falta a corajem, valem-se de processos sombrios e mênos briosos.

A sacristia vai-se tornando perigosa para isso. Não que podia aparecer alguém que desse á lingua e aquelles ricos corpinhos não se andam a cevar para irem agora deixar o pingue no Limoeiro.

E' porisso mais cómodo e mais práctico fazêr a coisa por fórma mais segura.

Assim é que dêram em espalhar de noite, a ocultas, por todos os predios habitados, uns papelinhos de propaganda anti-republicana.

Os últimos, distribuidos na noite de segunda para terça-feira, sam do seguinte teor:

Contra provas não ha argumentos.

Mais facil seria edificar uma cidade no ar do que estabelecêr uma república sem deus e sem religião.

Plutarco

Com vista aos diabólicos, infernaes e anarquicos provisórios.

Católicos: Oração e muita ação.

O snr. administrador do concelho, logo que do caso teve conhecimento mandou fazer uma larga tirajem de uns outros impressos, para sêrem distribuídos profusamente na feira, que a seguir reproduzimos:

AO POVO

Não de noite, mas á luz clara do dia, dis-vos o vosso administrador do concelho que não deis credito ás velhas profecias de Plutarco

Orai, orai para que o govêrno vos liberte da seita oculta que, acobertada com a capa do jesuita, procura lançar a discordia entre vós, provocar as vossas autoridades e sojismar as sábias leis da Republica.

Orai, orai a dentro dos vossos templos, sem perturbardes a ordem e boa marcha dos negocios públicos.

O administrador,

João Cardoso d'Albuquerque.

Nós, se á infamia dos cobardes anónimos dessemos a importancia e honras de uma resposta, seria para aconselhar o povo—não a orar, que é tarefa estéril em absoluto—mas a respeitar, de harmonia com as leis da republica, as crenças e até a propria incredulidade de todos; explicar-lhe-iamos como as medidas do govêrno provisório, em materia relijiosa, não teem outro fim nem terão outro efeito que não seja assegurar a todos os cidadãos a mais completa liberdade de consciencia, estabelecer a egualdade, perante a lei, dos sequázes de todas as relijiões e determinar bem o limite do poder espiritual para evitar a sua entrada usurpadora no temporal.

E se mais algum conselho pretendessemos dar ao povo não seria—orai!

Mas antes: Trabalhai, e educai vossos filhos nas mais sans doutrinas de moral e sob a mais rigorosa honestidade, para que aos vindouros possamos legar uma pátria mais feliz.

Estas seriam as nossas palavras, se a nós coubesse o devêr de desfazêr o efeito que pudessem producir os reles papeluchos anónimos.

Tambem distribuiram cá pela vila bastantes esemplares de um pasquim que tem por dirêtor o jesuita mór Pinhoiro Torres e que, mercê de uma excessiva benevolencia das autoridades bracarenses, se tem permitido toda a especie de infamias.

O numero que andaram por aí a distribuir inseriu uma correspondencia desta vila, em que a autoridade local era acusada de perseguir a relijião, ao que nos informam.

E' o que ha de mais falso.

Pelo contrario, o snr. administrador do concelho tem sido de uma extrema condescendencia, na tolerancia de manifestações do culto exteriores, como se vê com a realização de procissões e a ostentação em funerais de quanta confraria ha, com estandartes, balandraus e tudo que querem.

¿E' a isto que se pode chamar perseguir a relijião?

Respondam os bem intencionados. Apurou-se que a distribuição do *Grito do Povo* foi feita pelo continuo do Circulo Católico, o snr. Bartolomeu Pinto Soares.

Comparecendo hontem perante o snr. administrador do concelho, confessou tê-la realmente feito, mas não foi possível conseguir que elle dissesse quem o encarregou de tal serviço, declarando sempre que procedeu apenas por sua muito livre e espontanea vontade.

Não é muito crível.

Em virtude disso, o snr. administrador impôs-lhe a sua retirada desta vila, no praso de 24 horas, prontificando-se a abonar-lhe pelo cofre de beneficencia, a importancia para o bilhete até á terra de sua naturalidade, Penafiel.

Convidado a disêr o que soubesse acerca da distribuição dos papeluchos, declarou sempre nada saber do caso.

Não deve ser verdade e pênna é que a autoridade não levasse mais lonje a sua investigação, pois podia descobrir-se alguma coisa.

Ainda que não fôsse senão... saias.

LITERATURA

SONETO

*Tua friêsa aumênta o meu desejo,
Fecho os meus olhos para te esquecer
Mas quanto mais procuro não te vêr,
Quanto mais fecho os olhos, mais te vejo.*

*Humildemente, atrás de ti rastejo,
Humildemente, sem te convencêr,
Enquanto vejo para mim crescer
Dos teus desdens o frijido cortejo.*

*Sei que nunca hei-de possuir-te. Sei
Que outro felis, ditoso como um rei,
Enlaçará teu virjem côrpo em flôr.*

*Meu coração, no entanto, não se cansa.
Amam metade os que amam com esp'rança,
Amar sem 'sp'rança é o verdadeiro amôr.*

EUJENIO DE CASTRO.

O amigo

Quando Paulo entrou em casa, o peso imenso da sua solidão oprimia-lhe dolorosamente a alma.

Quis voltar só, para poder entregar-se todo á sua dôr, para não mais ouvir aquelas hipócritas palavras de condolencias com que ha quarenta e oito horas lhe martirizavam os ouvidos.

Foi sentar-se no seu quarto; tinha ainda nos çapatos uma lama gordurenta, amarela, a lama do cemiterio onde deixara sua mulher, aquela Luiza que tanto estremecia e a quem era devedor de dez anos da mais absoluta felicidade.

Olhou para aquêlle leito de onde a tinham levado para sempre, e parecendo-lhe vê-la ali deitada, tam gentil, tam loura, com um sorriso de amor a bailar-lhe nos labios... teve um acesso de desespero tam violento que rompeu num soluçar sufocante.

Chorou muito tempo, muito tempo, no funebre silencio da tarde.

E depois, como homem enerjico que não quere deixar-se abater por um sofrimento de dravante estéril, levantou-se e, pois que devia, dentro de dois dias, retomar o seu lugar de sub-dirêtor numa casa bancaria, resolveu pôr em ordem os papeis de sua mulher.

¿Quem sabe se mais tarde teria corajem para isso?... Luiza quiz sempre conservar á sua guarda o molho de chaves, como boa dona de casa, que entendê não dever abandonar os seus deveres senão com a vida.

Encontrou as chaves sobre uma cômoda e logo abriu uma pequena secretária onde ella conservava meticulosamente as suas cartas, as suas faturas...

Da primeira gaveta, tirou um masso cintado com fitas de seda, com esta indicação: «Cartas de Paulo»; da segunda, alguns apontamentos antigos; da terceira... Aqui teve Paulo um movimento de surpresa: deparou-se-lhe um grande envelope com estas palavras:

«Para queimar sem ler».

O primeiro movimento do marido foi respeitar a vontade de sua mulher e lançar immediatamente tudo ao fogo.

O segundo foi menos honesto... Rasgou o envelope e tirou ao acaso uma carta.

Não tinha que duvidar da sua caligrafia. Era de Raul, o seu melhor amigo, um amigo de ha trinta anos, que fôra o confidente de toda a sua vida, de quem tinha partilhado todas as alegrias como todos os pezares.

... E leu...

Minha bem amada—Não podes calcular o bem que me fês a tua carta. Tinha-te deixado tam só, tam triste! Quando te foste embora, quando vi afastar-te de mim, naquela noite, vespera da cruel viagem...

Uma angustia horrivel se apossou de Paulo.

Pensou que ia abafar.

Levantou-se e pôs-se a passear pelo quarto, numa indissível agitação.

Já não havia em si sofrimento algum. Só odio, um desejo de matar, e tambem uma vontade irresistivel de rir, de rir da sua loucura, da sua injenuidade.

E, ao mesmo tempo, disia intimamente:

—Não é possível. Estou a sonhar!

Relembra subitamente o seu desespero, as suas torturas durante a doença e agonia de Luiza.

—Pois quê! aquela mulher, que tinha zombado da sua confiança, da sua paixão, roubava-lhe agora até a dignidade da sua dôr!

Sentou-se de novo em frente da secretária e leu todas as cartas, uma por uma.

Uma banal historia de amôr: a mulher muito só, o amigo muito intimo, depois um aperto de mão significativo, a vertijem súbita, a paixão que se julga eterna...

Ah! miseravel! Paulo não podia mais, levantou-se...

Agora recomeçava a sofrer, mas de bem diferente maneira. O demonio do ciueme estava no seu coração e na sua carne.

Vingar-se! Vingar-se!

Que lhe importava a vida! Não podia atinjar a culpada, mas vingar-se-ia no sobrevivente,

o cobarde, o traidor que tinha posto a mascara da amizade para o ferir no que elle possuia de mais caro.

Paulo pegou no seu revólver. Estava sempre carregado. Saíu. Raul residia fóra da cidade, em pleno campo, a uma meia hora da casa de Paulo.

Era aí que Luiza tinha ido muitas vêses, muitas vêses...

Paulo crispava os punhos. O amigo pagaria... Que presêr seria vêr, á primeira palavra, a sua surpresa, o seu terror, e depois o belo fio de sangue a jorrar!...

Era ao fim de um dia primaveril.

A tepidês da atmosfera tinha toda a suavidade duma caricia de criança.

João pensava em sua mulher.

E repetia sem cessar, increpando-se a si proprio:

—Parvo! Imbecil, que eu era!

De repente recordou-se de uma frase singular que Luiza lhe tinha dito, numa tarde de confidencias:

—Sabes, João, nós somos todos tam fracos!

Se algum dia sentires diminuir o teu amor por mim, lembra-te de que, apesar de tudo, nunca amei ninguém como a ti...

Nada forçou Luiza a uma tal confissão. Era pois evidente que ella não mentia, naquele dia.

¿Então?... Ah! o que se sabe, o que pôde saber-se de um ser!

Paulo procurou julgar-se a si proprio. Era sincero: apesar de adorar sua mulher, testemunhou-lho muito pouco e muito mal, por mal entendido rigor de homem educado, por preconceituoso pudor... Era tam frio, tam aspero, tam pouco expansivo...

Sim, ele abandonou muito Luiza.

¿Como admirar-se de que ella se houvesse afeiçoado a Raul, meigo, encantador, afetuoso, como elle era?

¿Como admirar-se de que elle lhe tivesse agradado, pelas mesmas razões que o fiseram o seu mais querido amigo?

E agora Paulo revia a perturbação de Raul durante a enfermidade de Luiza, a sua commoção no cemiterio.

Sofre tambem agora, e estava condenado a occultar o seu sofrimento!

Uma piedade humilde e triste, um sentimento confuso de desespero e bondade acabrunharam Paulo.

¿O que era esta nova desgraça ao pé daquela que o feriu, o que era uma traição comparada á ausencia eterna?

Se Luiza, por um milagre, reaparecesse deante de si, ¿não é verdade que, apesar da sua falta, elle se teria lançado a seus pés?

¿Não é verdade que elle, pela alegria de a tornar a vêr lhe teria perdoado?

Perdoa-se tudo áqueles que amamos...

Caía a tarde, uma tarde quente suavizada por umas frescas brisas.

Os caminhos eram bem um tapete de flores de amendoeira. O ceu ornava-se de nuvens brancas, como rendas, que um tom rosa coloria docemente.

De subito, Paulo ergueu a cabeça. Raul vinha ao seu encontro...

Avistara-o de lonje: tinha compreendido tudo. Ha oito dias aguardava aquele momento, o momento terrivel em que o seu melhor amigo lhe lançaria em rosto um crime que não cessava de ser para si motivo do mais cruel dos remorsos.

Estava tam impaciente que não pôde conseguir esperar Paulo no seu quarto...

—Paulo, disse-lhe com voz trêmula, ¿que me queres tu?

Paulo fitou-o; pela mente passou-lhe todo o passado, pensou naquella que não voltaria a vêr mais; aquele homem tinha acompanhado toda a sua existencia, conhecia aqueles que elle tinha estremecido e que a terra inconciente agora possuia...

Abraçou Raul, e mal podendo conter um soluço:

—Quería vêr-te, para falar de Luiza. Sentia uma ardente necessidade intima de falar a alguém que a tivesse amado muito. E não é verdade que tambem tu a adoraste imenso, meu velho amigo?

Adaptação livre de

Ilydio Nunes

Cinco banalidades

Duas verdades

Hoje vamos nesta seção de sensaboronas banalidades, pregar aos leitores um bocadinho de hijiene. Sobre bicicletas, despoite tanto em vaga: O uso da bicicleta não é prejudicial, e, pelo contrario, é bom e proveitoso para quem quer que seja que gose de saúde.

A inclinação do tronco para a frente, contra que tanto se tem filado, é uma posição de descaço. Já se vê que se não trata da posição esageradamente curvada dos corredores; esta posição é excepcionalmente de curta duração e não interessa os que usam da maquina como recreio. Queremos falar d'essa posição que resulta do abaixamento dos punhos do guiador a 0^m,05 abaixo do nivel do selim; tal posição corresponde a um equilibrio jeral, a uma distribuição lojica do peso do ciclista sobre as diferentes partes da maquina, e permite-lhe atinjar um massimo de velocidade e de duração de esforço com um minimo de fadiga.

A posição direita, pelo contrario, é muito mais fatigante, porque não permite ao ciclista levar, como auxilio ao esforço das pernas, o peso do corpo, porque este peso cae todo sobre o selim. A bicicleta, usada com moderação, é um excelente exercicio que aumenta a capacidade pulmonar, e do qual participa todo o corpo.

E agora sobre tabaco, vicio não ménos em vaga que o despoite ciclista:

Um medico americano, o dr. Fisk, fêz curiosas investigações sobre as differenças físicas e inteléctuas existentes entre os estudantes que fumam e os que não fumam.

As experiencias foram feitas num circulo escolar composto de 147 individuos, e, segundo os dados recolhidos pelo medico citado, 77 estudantes que não fumavam excediam os restantes em 40 por cento com relação ao peso; 24 p. c. em estatura; 26 p. c. em largura do thorax; e 77 p. c. na cavidade pulmonar.

Os quatro melhores alunos eram aquelles que não fumavam em absoluto, e os quatro peiores eram, naturalmente, os que mais arreigada tinham a paixão pelo tabaco.

Uma mentira

Isto de mentir é coisa muito feia mas tambem muito desculpável quando a intenção é tam inofensiva como a nossa no caso presente.

Só pr-tendemos ter graça e fazêmos desde já essa prevenção, para que os leitores saibam cumprir o seu dever, quando chegarem ao fim.

Era duma vés um estroina. Muito bom rapás, mas entendia que não tinha vindo a este mundo senão para gosar.

E assim era que passava toda a santa vida num desenfreado pagode.

Gostava muito do vinho e mais líquidos embriagantes. Era rara a noite em que se não encardimava e depois era um regabófe vil, e ás vés até quase deprimente, até á madrugada. Só nessa occasião é que resolvia ir deitar-se para o seu quarto num 3.º andar.

Um dia que assim fêz, deu-lhe para despejar para a rua o balde de água suja.

Um desastre: ia a passar muita gente, que já se dirijia a tomar o seu trabalho quotidiano, e molhara-a toda. Grande banzé; um alarido medonho, zaragata infernal.

O nosso amigo estroina, muito aparvalhado, com o espirito obtuso por efeito do alcool ingerido durante a noite, pôs-se a contemplar o espetáculo sem nada perceber.

O povinho, quando o vê á janela com tamanho descaramento, redobra a furôr nos seus clamores de protesto.

E o estroina, estregando a testa num esforço enorme para compreender aquilo, tévé por fim esta conclusão:

— Não ha dúvida. Coitados... não reparei para esta gente que estava dentro do balde e atirei com éles da janela abaixo!

A musa do povo

Quem tem amores não dorme,
Quem os não tem adormece;
Quem os tem ao lonje chora,
Quem os tem ao pé padece.

*

As quatro esquinas da praça
Já se não chamam esquinas;
Chamam-se confessionários
De confessar as meniças.



Guerra á tipoia!

O primeiro automovel da "garage," barcelense

Deve estar em Barcelos no próximo domingo o primeiro automovel para a garage com que o arrojo dos nossos amigos Humberto Gonçalves, Luiz Fonseca e João Vieira de Castro dotou esta vila.

Como já tivemos occasião de dizer aos nossos leitores, é um magnifico «Diat», de sete logares.

Um grito quase se nos escapa dos labios:

Guerra á tipoia!

Ponhamos de parte esse atrazado meio de locomoção, que outro valôr mais alto se alevanta...

Barcelos por dentro

VIDA MUNDANA

Aniversarios natalicios:

Passou — no dia 1 o da gentilissima donzela D. Maria Helena de Azevedo.

Passam — hoje o do snr. Adelino de Barros; amanhã o do snr. José Vieira Veloso; no dia 6 o da gentil demoisele D. Isolina Faria; e no dia 8 o do snr. Eujenio Roriz de Azevedo.

Delivrance:

Têve-a no último domingo, dando á luz com muita felicidade uma criança do sexo masculino, a ex.^{ma} espôsa do snr. Frederico de Carvalho.

Estiveram:

No Porto — as ex.^{mas} sur.^{as} D. Rosa e D. Adelaide Coelho da Costa e D. Rosa Augusta Roriz de Azevedo e os snrs. Alberto Esteves, Arnaldo Azevedo, Manoel Azevedo, José Vieira Veloso e ex.^{ma} esposa, Augusto Melo e ex.^{ma} espôsa, Adelino Torres. Agostinho e Francisco Santos, José Carvalho, Manoel Alves Simões e Antonio Esteves.

Em Braga — os snrs. Luiz Fonseca e Julio Gomes da Costa.

Em Barcelos — os snrs. Antonio Macêdo Martins Lima, Manoel Paulo de Miranda, Antonio de Sousa Pinto, Domingos Vila-Chã Esteves e ex.^{ma} espôsa, Alberico Miranda.

Pequenas notas

Retirou para Coimbra o nosso estimado amigo e diretor deste semanario Antonio Baltasar.

Tambem retiraram para a mesma cidade os snrs. Domingos de Azevedo Figueiredo, Manoel Carmôna Gonçalves, Antonio Ferreira Pedras e padre Secundino Machado.

De visita á ex.^{ma} familia do snr. Antonio Augusto de Almeida Azevedo, encontram-se nesta vila as gentis damas apulienses D. Odete e D. Alice Sousa.

Tambem se encontram entre nós os snrs. Gonçalo Pereira e Raúl Serra.

Regressou de Paris o snr. Alvaro de Barros.

Luto

Pelo falecimento de um irmão, encontra-se de luto a ex.^{ma} esposa do snr. João Carlos Coelho da Cruz.

As nossas condolencias.

Camara Municipal

Sessão de 29 de abril

Preside o snr. dr. João Cardoso de Albuquerque e assistem os vereadores snrs. Alberto Araújo, Manoel J. Ferreira, Francisco Carmona, Francisco Xavier Alves Pereira e drs. Luiz Ferreira e Reis Vale.

Secretaria o sr. dr. João Novais.

E' lida e aprovada a ata da sessão anterior.

A obrigatoriedade do encerramento e o descaço semanal

Uma comissão delegada dos empregados no commercio, no uso dos poderes que lhe conferiu a classe, emite sobre a questão da obrigatoriedade do encerramento dos estabelecimentos, aos domingos, o parecer de que é cedo ainda para poder avaliar-se dos prejuizos que éle acarretará ao commercio local, se realmente os houver. Expôi que os interesses dos empregados estão muito intimamente ligados aos dos comerciantes e porisso o seu desejo será que se proceda de harmonia com uns e outros. Pede no entanto que se reserve para mais tarde a resolução do assunto.

Assim se resolveu, sendo, por proposta do vogal sr. Ferreira, resolvido pedir á classe dos empregados de commercio para apresentar por luto o mês de maio o seu parecer definitivo. Entretanto, mantem-se o actual regulamento do descanso, como é solicitado.

Emilia Gomes da Costa, de Silveiros, e João Pereira Rodrigues, da mesma freguesia pedem para no próximo domingo terem abertos os seus estabelecimentos ao publico, por haver naquela freguesia uma festa nesse dia.

A esemplo do que fêz a camara de Viana do Castelo, deliberou a camara, por proposta do seu presidente, que a todos os commerciantes do concelho fosse concedido, sem dependencia de requerimento, licença para num domingo em cada ano, em que a freguesia realize qualquer festa, terem abertos os seus estabelecimentos.

Vai officiar-se ás commissões paroquiais, perguntando qual o dia que ficam para esse fim.

A feira semanal

Manoel Fernandes Carvalho, ourives, de Esposende, pede a cedencia de oito metros quadrados de terreno no Campo da Republica, para estabelecer negocio de ourivesaria nos dias de mercado, tanto semanal como anual, no mesmo lugar em que até aqui o tem feito, e para começar, já na feira das Cruses, oferecendo de aluguer a quantia de 28000 reis annuaes. Depois de algumas considerações feitas pelo sr. presidente, a camara deferiu, frizando, porem, no seu acórdam, que na feira de Cruses terá o requerente de ir para o lugar do abarracamento em que estiverem os demais commerciantes do seu jénero.

Diversos assuntos

— João Joaquim Barroso, de Vila Cova, pede licença para fazer uma vedação. Deferido, em virtude da informação da junta.

— Manoel Luiz Ferreira, de Chorente, reclama contra uma intimação da Camara, que

atribue a falsas e insidiosas informações de um zelador, e pede a sua anulação.

Indeferido.

— Joaquim da Cunha e Silva, do Rio de Janeiro, pretende fazer uma construção em Negreiros. Informe o condutor municipal.

— P.^o Pereira da Silva, de Vilar de Figos, pede licença para fazer umas obras de canalisação de aguas num predio seu.

Deferido, não podendo aproveitar-se o encanamento para as aguas de sentinas, valas, etc., mas apenas para aguas limpas, e ficando sujeita a obra á fiscalizaçao municipal.

— Manoel José Ferreira Barbosa, de Cambêses pede licença para reconstrução e deposito de materiais. Junte planta e informe o condutor municipal.

— Miguel Fernandes Barbosa, de Grimancelos, pede licença para fazer uma vedação e depositar materiais em via publica.

Junte planta e informe o condutor municipal.

— Manoel Ferreira da Costa, de Carapeços, pede providencias para o fato de uma obra que está a fazer-se na freguesia prejudicar o publico impedindo o transito.

Informe o condutor municipal.

— José de Oliveira, de Gilmonde, pede para ser sustada a intimação que lhe foi feita para interromper os trabalhos de uma ramada que tem na via publica, e pelos quais lhe foi imposta uma multa. Demonstra que se trata de uma reconstrução e não de uma construção, com diversos argumentos que o vereador sr. Machado Carmona declara serem verdadeiros, pois conhece a obra de que se trata.

Deferido e anulada a multa.

— Antonio José Duarte Barbosa, da Povoa de Varzim, deseja licença para vedar um predio que possue em Cristelo, freguesia deste concelho. Informe a junta de paróquia.

— João Antonio da Silva Rosa, de Conssourado, pretende rebaixar uma mina que possue e pede licença para fazer uma canalizaçao de ferro galvanizado. Informe a Junta.

— Justino da Silva Campos, da freguesia de Negreiros, dis ter sido intimado a fazer a remoção de umas seis pedras que tinha em frente á sua casa. Expôi diversas razões e pede a anulação do mandado.

Indeferido.

— P.^o José Marques Lima, da freguesia de Chorente, pede autorizaçao para fazer uma vedação e depositar materiais em via publica.

Deferido.

— Fernando Benevides, de S. Martinho de Vila Frescainha, pede licença para uma reconstrução.

Deferido.

— Francisco José Monteiro Torres, amanuense da camara, pede noventa dias de licença, para tratar de assuntos particulares fóra do concelho.

Deferido, mas sem direito a vencimento algum.

O lugar de carcereiro

Custodio Pinto Ribeiro da Conceição, de Barcelinhos, tendo conhecimento de que o carcereiro da cadeia desta vila se encontra gravemente enfermo, a ponto de não poder desobrigar-se dos deveres do seu cargo, oferece-se para o substituir, comprometendo-se a, enquanto vivo for aquêle, lhe dar metade do seu vencimento.

Indeferido o pedido, depois do sr. presidente expôr que o lugar só pôde ser preenchido por concurso, depois de vago, acrescentando ainda que estava pendente um requerimento em que Antonio Luiz Ferreira Gomes pede a sua reintegração em tal lugar, de que dis ter sido esonerado por motivos politicos.

E sobre este assunto, o sr. secretario informa ter já concluida a investigação de que, em sessão de 8 de abril, foi incumbido.

Seguidamente procede á leitura das atas arquivadas que encontrou versando o caso da demissão do aludido Antonio Luiz Ferreira Gomes.

Delas constam muitas acusações de graves abusos e irregularidades do requerente, no desempenho do seu cargo, e verifica-se que éle recebeu desrespeitosamente a primeira admoestação que pela Camara lhe fóra feita, á primeira queixa recebida.

Por tudo isto deliberou a comissão municipal não atender o pedido da reintegração.

Dois lugares

Confirmada a nomeação de Domingos Pereira Duarte e Francisco José Ferreira para os lugares de zeladores da freguesia de Alvelos, conforme indicaçao feita ao sr. presidente pela junta paroquial daquela freguesia.

Um assunto que foi estudado: os negociantes ambulantes no nosso mercado

Debate-se o assunto que na passada sessão ficou para ser estudado:

Ana Gonçalves Salgueiro, de Roriz, freguesia do concelho da Povoa de Varzim, pede licença para expôr á venda no mercado semanal diversas mercadorias, fasendas, — retalhos — etc., prontificando-se a pagar pelo terreno a quantia que lhe for arbitrada de aluguer.

O sr. presidente convida o vereador snr. Alberto Araújo, por cujo pelouro corre o assunto, a diser o que se lhe oferecer, tendo previamente declarado que foi ao local onde até ao presente se tem estabelecido os negociantes de retalhos e viu que éle era pouco proprio. Alem de estar bastante afastado do coração da feira, corre junto um régio de agua, que nem sempre é bem cheirosa.

Por sua vés, o vereador snr. Araújo confirma a declaração do sr. dr. Cardoso de Albuquerque e dis que no seu entender, contra a opinião do seu colega sr. Carmôna, não resulta grande prejuizo para o commercio local do fato dos negociantes daquêle jénero se virem estabelecer em qualquer ponto do Campo em que se realiza a feira. Afinal, quem com éles quiser negociar, tanto vai a um lugar como a outro; não será a caminhada de mais uns minutos que fará

com que o publico deixe de os procurar para dar a preferéncia aos commerciantes da vila.

Alem disso, mesmo que realmente adviesse do fato prejuizo para quem fosse, não podia estar a pôr-se, por tal motivo, fóra da feira esses negociantes, pois que por esse caminho em breve teriamos a feira desfeita.

Hoje expulsavam-se os vendedores de retalhos, para não lesarem os commerciantes de fasendas.

Amanhan appareceriam, pelo mesmo criterio, os proprietarios dos outros ramos a fazer iguais reclamações contra os seus conjeneres ambulantes, e a camara não podia deixar de os atender, em virtude do esemplo de agora.

Entendia, portanto, que se devia aceitar a proposta da requerente.

O sr. presidente manifesta-se de igual opinião, pelas mesmas razões, e ainda porque vé nisso o inicio do pagamento muito voluntario de uma nova contribuição, que virá a ser uma bela fonte de receita para o municipio.

O vogal snr. F. Machado Carmôna declara que votará contra tal deliberação, com que o commercio local vai ser lesado nos seus interesses.

Pôsto o caso á votação, é, por maioria, deferido o requerimento em questão.

O sr. presidente dis ser necessario ficar a importancia que a requerente deve pagar de aluguer. Tem de, para isso, servir de base a quantia que ficou a pagar, por resolução da sessão de hoje a que atrás nos referimos, o ourives Manoel Fernandes de Carvalho. E' essa de 28000 reis. Entende que, sendo de menos importancia o ramo de commercio da requerente, esta não deve pagar alem de 18000 reis, e que tais pagamentos deverão fazer-se adiantada e anualmente.

Assim se resolveu, ficando o sr. secretario autorizado a passar as respétivas licenças a todas as pretendentes do mesmo teor que tenham para isso petições pendentes.

O sr. dr. Cardoso dis que o preço arbitrado é meramente a titulo provisorio.

Logo que a Camara possa tornar jeral essa medida, serão estabelecidos preços segundo o espaço ocupado, jénero de negocio, etc., e então uniformisar-se-ão todos os alugueis arbitrados.

Procede-se em seguida ás seguintes

Arrematações

Demolição e reconstrução do cunhal da muralha que circuita as ruinas do antigo Palacio dos Duques de Barcelos.

A base de licitação era de 1888000 reis. Foi arrematado por 1858000 reis por Abilio Augusto de Miranda.

— Pavimento completo na estrada municipal n.º 28, para o qual terá o arrematante de fornecer 420 metros cubicos de pedra britada.

A base de licitação era de 4618000 reis, e foi arrematada por Manoel Domingues de Sousa.

O CRIME DE ARCOSÊLO

Nova confissão do engraxador

Como noticiamos no 2.º suplemento ao n.º 24 do nosso jornal, o engraxador Ferreira, depois de ter confessado o crime com todas as minuciosidades de uma inescdível precisão, declarou ao snr. administrador que tal fizera por a isso o violentarem, mas que responsabilidade alguma tinha no caso.

Afinal, vem agora declarar o contrario: novamente confessa ter praticado o crime e ser verdade tudo quanto tinha dito e que essas segundas declarações as fisera coajido pelo Daniel, que o ameaçara de morte se tal não fisesse, naquela noite que comunicaram das prisões.

Os outros dois assassinos continuam negando persistentemente o crime que lhes imputam.

VIDA MILITAR

Sob o comando do capitão de infantaria n.º 8 snr. José Antonio da Cunha Vale, chegou no ultimo domingo a esta vila um contingente d'aquêle regimento que vem receber instrução de tiro ao alvo.

— Apresentou-se de licença disciplinar no quartel do 3.º batalhão, o 2.º sargento snr. Manuel Casimiro de Faria Vasconcelos.

— Foi condecorado com a medalha de prata de comportamento exemplar o tenente do 3.º batalhão snr. José Augusto de Mançelos Pereira Sampaio.

ANTONIO AZEVEDO

Solicitador

Escritorio — Rua Infante D. Henrique

RESIDENCIA — BARCELINHOS

BARCELOS

Centro Republicano "Martins Lima,"

Não tendo, por falta de número legal de associados, reunido no último sábado, 29 do mês findo, a assembléa geral deste Centro que para a discussão do projeto de estatutos havia sido convocada, por este meio sam convidados novamente todos os sócios a comparecerem na séde do Centro, para o mesmo fim, na próxima segunda feira, oito do corrente, pelas 8 horas da noite.

Nos termos da lei, funcionará nesse dia a assembleia geral com qualquer número de sócios.

O projeto de estatutos está patente no Centro para poder sêr estudado.

Barcelos, 2 de maio de 1911.

A DIREÇÃO.

VIDA JUDICIAL

Audiência geral:

No sabado ultimo, respondeu no tribunal judicial de esta comarca, em audiência de juri, sob a presidencia do digno juiz proprietario sr. dr. Arriscado de Lacerda, Antonio José Pereira, casado, pedreiro, da freguesia de Milhazes, acusado de haver ofendido voluntariamente mas sem intenção de matar o menor de 6 anos Manoel, filho de José Rodrigues Gomes, da mesma freguesia, ofensas de que lhe resultou a morte.

O juri composto pelos cidadãos José Ferreira Lemos, José Manoel Carlos, José Francisco Simões, Pedro Teixeira da Costa Vasconcelos, Manoel Augusto de Passos, José Antonio de Carvalho Junior, Domingos da Costa e Silva, Manoel Luis da Pena, José Antonio Rodrigues e Manoel Alves Coutinho, deu o crime como não provado, pelo que o M.^{mo} presidente do tribunal proferiu a sentença absolutória.

A acusação estava representada pelo Delegado do Procurador da Republica, sr. dr. Pinto Ribeiro, e a defesa pelo sr. dr. Gonçalo Araujo.

Julgamento

Em processo crime corrècional, responderam no tribunal judicial desta comarca, na passada sexta-feira, por ofensas corporaes voluntarias, os réos José Manoel Pereira, de Santa Leocadia do Tamel, Francisco Pereira Mendes, João Bástista ou João Pereira, Manoel Francisco Pereira, Antonio Manoel Pereira, Antonio Francisco Pereira e Francisco Cardoso, todos de Abade do Neiva.

O 2.^o 5.^o e 6.^o réos foram condenados em 3 meses de prisão corrècional e 15 dias de multa á razão de 100 reis diários e nas custas e selos do processo, mas por efeito do decreto da anistia, ficou tal pena reduzida a um mês de prisão e 5 dias de multa.

Os réos apelaram da sentença, sendo seu defensor sr. dr. Vieira Ramos.

Em Famalicao

No tribunal da comarca de Famalicao, tambem foi julgado, no ultimo sabado, Luis da Silva, da freguesia de Viatodos, deste concelho, acusado de homicidio frustrado.

Sustentou a accusação o sub-delegado sr. dr. Mario de Carvalho e foi advogado defensor o sr. dr. Sebastião de Carvalho.

O réu foi absolvido.

REJISTO CIVIL

Na administração deste concelho, efetuou-se ha dias o rejisto de nascimento de um filho do nosso amigo sr. José Joaquim Pereira da Costa, que recebeu o nome de José.

Tambem se efetuaram o de um filho do sr. Armino Matos, a que foi dado o nome de Antonio, e o de uma filhinha do sr. Manoel Faria da Silva, que recebeu o de Maria.

Realizaram-se mais os seguintes:

Antonio Augusto, filho de José Gomes de Faria e de Carolina Augusta de Figueiredo, de Pereira.

Joaquim Augusto, filho de Manoel José Dias e de Ana Rosa de Oliveira, de Lijó.

Antonio do Livramento, filho de Antonio Ribeiro Cabças e de Agueda Martins da Costa, de Fragoso.

Manoel, filho de Antonio Gomes de Faria e Emilia de Jesus Vieira, de Midões.

Manoel, filho de Teresa dos Prasères Coelho, de Santa Eujenia de Rio Côvo.

Teresa, filha de José Gonçalves Maciel e de Ana Martins Caridade, de Roris.

Emilia, filha de Antonio Pereira de Oliveira e de Ermelinda Teixeira, de Viatodos.

Emilia, filha de José Fernandes Dias e de Ana Pereira de Faria, de Fornelos.

Manoel Avelino, filho de Avelino Aires Duarte e de D. Teresa de Faria Duarte, desta vila.

Teresa de Jesus, filha de Domingos da Costa e de Perpetua Gomes da Costa, de Manhente.

David, filho de Antonio da Costa e de Maria de Oliveira, de Sequiade.

Maria Joaquina, filha de Dinis Vilas Boas e de Ana Ferreira, de Martim.

Gualderio, filho de Manoel Francisco Barros e de Maria Rosa de Jesus Moreira, de Barqueiros.

Camilo, filho de Torquato Gomes da Costa e de Rosa Maria dos Santos, de Macieira de Rales.

Manoel, filho de Custodio Alves da Cruz e de Ana de Sá, de Aldreu.

Agostinho, filho de Antonio Gonçalves Anjo e Clementina de Jesus Martins, de Santa Maria de Galégos.

Joaquim, filho de Adelino José da Costa Soares e de Emilia Rosa de Sousa, de Perelhal.

Rosa, filha de Manoel Joaquim Gomes e de Maria Gomes dos Santos Ponte Nova, de Perelhal.

Maria, filha de Antonio Pereira de Oliveira e de Florinda Rosa da Fodseca, de Macieira.

Felisbina, filha de Antonio Domingues de Oliveira e de Carolina Gomes da Costa, de Negreiros.

Francisco, filho de José Joaquim Casseiro e de Maria Joaquina do Vale, de S. Vicente de Areias.

Maria de Lourdes, filha de Feenando Augusto de Andrade e de Rosa Augusta de Miranda Andrade, desta vila.

Felix, filho de Antonio Moura e de Carlota Pereira, de S. Martinho de Vila Frescainha.

Artur, filho de Artur Expostos Martins e de Leopoldina dos Santos Pinheiro, de Vilar de Figos.

Domingos, filho de Antonio Fernandes e de Maria Fernandes Apolinaria, de Igreja Nova.

Rosa, filha de Francisco José Barbosa e de Maria de Sousa e Silva, de S. Martinho de Alvitto.

Maria, filha de Manoel Lourenço Martins e de Antonia Maria Alves, de Remelhe.

Conceição, filha de Ana Joaquina da Costa e de David José Ferreira, de Gamil.

Maria Ana, filha de Fernando Antonio Barbosa Lamela e de Teresa de Jesus Exposto, de Roriz.

Sebastião, filho de Joaquim Gomes Ferreira de Oliveira e de Umbelina Ferreira da Silva, de Goios.

Manoel, filho de Augusto Gomes da Costa e de Ana Gomes Fernandes, de Goios.

Manoel, filho de Joaquim Julio Lopes de Araujo e de Maria Luiza de Figueiredo, de S. Martinho da Vila Frescainha.

Valentim, filho de Jaão Ferreira e de Jesuina Rosa Ferreira, de Mariz.

Domingos, filho de José Ferreira de Asfora e de Adelide das Dores do Nascimento, de Barcelinhos.

João, filho de Germrno Cardoso de Miranda e de Delfina Cândida Pereira da Fonseca, de S. Pedro de Vila Frescainha.

Fernando, filho de Manoel Fernandes e de Felidade Gonçalves, desta vila.

Antonio, filho de Armino de Azevedo Matos e de Maria Deolinda Torres Matos, desta vila.

Maria, filha de Manoel Faria da Silva e de Maria Adelaide Miranda da Silva, desta vila.

Olivia, filha de Manoel José Ribeiro e de Ana Joaquina da Costa, de Vilar de Figos.

David, filho de Antonio Silvestre da Cesta e de Rosa Maria Marques, de Vila Cova.

José, filho de José Joaquim Pereira da Costa e de Beatriz Augusto de Carvalho Montenegro Durães, desta vila.

Maria, filha de Manoel Joaquim Pereira e de Ana Lourenço da Costa, de S. Verissimo de Tamel.

João Augusto, filho de Teresa Fernandes Ataíde.

José, filho de José da Silva e de Rosa de Faria Coelho, de Santa Eujenia de Rio Côvo.

Margarida, filha de Custodio Bravo da Costa e de Maria Rodrigues de Faria, desta vila.

Armando Agostinho, filho de Joaquim

Gonçalves da Silva Matos e de Rosa das Dores Matos, desta vila.

José, filho de Sebastião Gonçalves e de Maria de Jesus, de Aldreu.

Aires, filho de Adelino José Peixoto e de Josefina Lopes de Araujo, de Faria.

OS MORTOS

No hospital desta vila, com a avançada idade de oitenta e quatro anos, faleceu Antonio José da Silva, molteiro, de Arcoselo.

Foi vitimado por uma tuberculose pulmonar. — Tambem faleceu nesta vila, na casa de sua residencia, á rua D. Antonio Barroso, Claudina Maria da Rosa Machado, de setenta e dois anos de idade. Vitimou-a uma sincope cardiaca.

Deixou testamento, instituindo universal herdeiro seu sobrinho Arnaldo Carneiro da Silva, barbeiro, residente no Porto.

Tambem faleceram:

Em Barqueiros, Francisco José de Aguiar e Antonio José Eiras.

Em Oliveira, Garcia Mario Machado.

Em Aguiar, Luiza Maria Vicente.

Em Tregosa, Josefa Soares.

Em Santa Maria de Galégos, Augusto Alves de Macêdo.

Em Martim, José Rodrigues Torres.

Em Viatodos, Emilia Ferreira de Oliveira.

Em Cossourado, Luiz Barbosa da Rosa.

Em Panque, Maria Barbosa de Abreu.

Em Manhente, Teófilo de Jesus.

Em Igreja Nova, Aires Sousa Martins.

Em Remelhe, José Barbosa da Fonseca e Manoel Campinho Cruz.

Em S. Vicente de Areias, Manoel Lopes; e

Em Aldreu, Domingos de Sá Bernardino.

A todos os enlutados os nossos sentimentos.

José Maria Guedes

Embarcou ha dias em Leixões, com destino ao Brasil, o nosso simpático amigo sr. José Maria Guedes, que no comercio daquela florescente nação vai empregar a sua atividade.

Sam muitas as saudades que deixou nesta vila, onde, apesar de ha muito poucos anos residir, conta inúmeras simpatias e até dedicações.

José Maria Guedes é uma daquelas criaturas que se insinuam no espirito de todos, a todos conquistando a mais sincera amizade. Bom e jeneroso como poucos, alma sempre aberta a todo o rasgo que possa constituir um bem para quem quer que seja, nunca recusou ou encareceu o seu valioso concurso, sempre que lho solicitavam para qualquer obra em que se tornassem necessarias as suas muitas aptidões artisticas.

Em tudo era um dilettante; e para musica, mecânica e electricidade tinha, mais especialmente, habilidade invulgar.

Sobejas provas disso den na Orquesta Barcelense, como seu primeiro violinista, e, ultimamente, no Cinematógrafo da Porta Nova, como operador, e no Auto-luz, aparelho que sem conhecer instalou e com que sempre funcionou.

Como fabricante de dôze, trouxe-nos de Famalicao excelente reputação que entre nós ratificou, demonstrando a justiça da fama de que precedido.

Ao José Maria, que de nós se ausentou inesperadamente e sem aviso a pessoa alguma, nem mesmo da familia, um abraço de despedida, com o sincerissimo desejo de que o Brasil em breve no lo restitua com todas as felicidades de que é merecedor.

Musica

Tocou efêtivamente no ultimo domingo, no jardim público, das três ás seis horas da tarde, a banda dos Bombeiros Voluntarios desta vila, em homenagem ao seu protetor sr. David de Barros, nosso presado amigo.

O programa, que no número passado publicamos, era de primeira ordem e a sua execução foi muito satisfatoria; da Cavalaria rusticana pode até dizer-se que esplendida.

Para contrabalançar, notou-se que a Flaviense precisa de mais ensaios e que a Viuva alegre (valsa) é mal compreendida, conquanto executada com alguma corrèção.

A concorrência ao jardim foi enorme apesar do impertinente vento que fasia.

Centro republicano

Conforme convite que adeante publicamos, realiza-se na próxima segunda feira as oito horas da noite, uma reunião de assembleia geral do centro republicano «Martins Lima», para discussão do projeto de estatuto.

Serviço farmaceutico

No próximo domingo, desde o meio dia em diante, só estão abertas ao público as seguintes farmacias: nesta vila — Pacheco e Hospital: Barcelinhos — Lamela.

Feira de Cruzes

Realizou-se hontem a tradicional feira de Cruzes, que ha alguns anos vinha sendo nesta vila objêto de grandiosos festejos.

A concorrência foi muito reduzida, por efeito da falta de atrativos que a nós chamasse alguns forasteiros.

Aos responsáveis por isso, que afinal ainda se não sabe bem precisamente quem sam, muito deve ter pesado já as suas irreflexão e levandade.

Oxalá que o prejuizo que ora lhes atinje os interesses, os faça reconsiderar e dar-lhes mais boa vontade e melhores disposições para os anos futuros.

No Campo da feira, abriram já na segunda feira as barracas costumadas de quinilherias, etc.

Sam em numero limitado. Afóra essas, apenas mais uma ou outra, uma delas com divertimentos diversos — tiro ao alvo, dinamometros para avaliação do sóco, pulso etc.

Por motivo da feira, concedeu o sr. administrador licença aos proprietarios de cafés e hoteis para terem os seus estabelecimentos abertos até ás 2 horas da manha, e aos taberneiros até ás 10 e meia da noite.

No nosso entender, sam as horas que deviam, normalmente, estar fechadas.

Mercê de uma subscrição promovida por alguns individuos desta vila, sempre antontem e ontem tivemos um bocado de musica, pelas ruas da vila.

Ontem houve uma pequena iluminação no largo do Bgm Jesus da Cruz, tocando num corêto a banda dos Bombeiros Voluntarios.

Do mal o menos. Sempre tivemos a impressão de que estavamos nos dias 2 e 3 de maio.

Roubo

Na administração deste concelho, queixou-se na passada segunda feira a sr.^a D. Carolina Rosa do Sacramento, co-proprietaria de uma chapelaria sita á rua D. Antonio Barrôso, de que de sua casa lhe haviam sido furtadas sessenta e seis libras em ouro que tinha escondidas numa saca que guardava numa cadeira de quarto.

Suspeitando se de Joaquina Pimenta, da rua Nova de S. Bento, e de Deolinda Ferreira, da rua do Poço, que no dia 29 do mês findo andaram na casa da queixosa a fazer limpêsa, imediatamente foram mandadas capturar pelo digno administrador do concelho.

Depois de instantes interrogatorios, as duas confessaram ter feito o roubo, sendo aprendidas ainda 3 libras á Deolinda e 34 á Joaquina, que as tinha enterrado em sua casa. Averiguou-se ainda que duas estavam em poder do jerente da caixa penhorista de Barcelinhos, sr. Caetano Macêdo, onde com elas foram resgatar umas cedulas de diversas rompas; e outra libra serviu para pagar uma quantia em dívida ao vendeiro João Anjo da Costa.

As duas ladras foram já remetidas para juizo, bem como o cumplice João dos Santos Machado, amante da Deolinda, contra quem havia tambem uma queixa do sr. Antonio José Alves do Vale.

Tambem tem no roubo cumplicidade o marido da Joaquina, um tal José Martins, que á autoridade não foi possível encontrar.

ANUNCIOS

EDITOS DE 30 DIAS

1.^a PUBLICAÇÃO

Pelo Juizo de Direito d'esta comarca e cartorio do escrivão do 2.^o officio, Silva, no inventario a que se procede por obito de Antonio Manoel, morador que foi na freguezia de Milhazes e em que é inventariante a viuva Maria Angelina, da mesma freguezia, correm editos de 30 dias a citar Josefa, viuva de João Ferreira e conjuntamente sua filha, cujo nome, idade e estado se ignora, sendo aquella como administradora da pessoa e bens da dita sua filha, auzentes em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, para por si ou seus bastantes procuradores assistirem a todos os termos do referido inventario e sem prejuizo do seu regular andamento.

Barcelos, 29 de abril de 1911.

Verifiquei,

O juiz de direito,
Arriscado de Lacerda.

O escrivão,
Manoel Cardoso e Silva.